



26 de Novembro de 2025, 10:05



José Maneiras nasceu em Macau em 1935, mas formou-se na Escola Superior de Belas Artes do Porto ANTÓNIO MIL
HOMENS

O desaparecimento de José Maneiras na madrugada desta terça-feira, aos 90 anos, priva a cultura arquitectónica do “Sul Global” de uma das suas figuras referenciais. Também proporciona a oportunidade para lançar um debate crítico sobre os últimos anos do colonialismo português nesta região da Ásia a partir do impacto dos arquitectos de filiação moderna na configuração dos territórios asiáticos contemporâneos, densificados e polifónicos. Eventualmente, avança na invenção de uma “arquitectura macaense” onde talvez outros arquitectos a trabalhar na região se queiram posicionar.

Maneiras, que nasceu em Macau (<https://www.publico.pt/macau>) em 1935, provinha de uma família oriunda das elites locais. Arquitecto diplomado pela Escola Superior de Belas Artes do Porto, em 1962, destacou-se igualmente como urbanista e, a partir da década de 1970, como político. Esta etapa fundamental da sua vida pública começou a ser traçada enquanto vereador, atravessando a revolução de Abril, culminando como presidente do antigo Leal Senado (1989-1993). Desavenças com o então governador Vasco Rocha Vieira (<https://www.publico.pt/2025/01/22/politica/noticia/rocha-vieira-19392025-general-recolheu-ultima-bandeira-imperio-2119795>), responsável pelo mandato de transferência de

soberania (<https://www.publico.pt/2017/04/13/politica/noticia/ha-30-anos-portugal-surpreendeu-a-china-nas-negociacoes-de-macau-1768627>) para a República Popular da China, em 1999, acabariam por afastá-lo do cargo.

Interessou-se pela promoção da profissão, antes ainda do *handover*, integrando o grupo de fundadores da Associação de Arquitectos de Macau, em 1987, instituição a que também presidiu. Parte da visão estratégica e independente que defendeu para o então “enclave português”, passava por inscrever a associação em organizações internacionais com peso corporativo, como União Internacional de Arquitectos, o que aconteceria logo em 1990. Após a criação da actual Região Administrativa de Macau (RAEM), e já com cerca de 64 anos, retomou a sua verve urbanista colaborando com gabinetes de outros profissionais macaenses como, por exemplo, Carlos Marreiros e José Chui Sai Peng, na requalificação da emblemática Praça do Tap Seac (2003-2006).

Foi, portanto, durante a maturidade que Maneiras assistiu ao despontar do *skyline* urbano da RAEM contemporânea, ampliado pelos novos aterros e desenhado pelo lucro dos casinos (<https://www.publico.pt/2020/05/26/economia/noticia/morreu-stanley-ho-magnata-jogo-macau-1918092>), que este ano terá novamente duplicado o valor de Las Vegas. Esta paisagem actual de Macau (<https://www.publico.pt/2019/12/13/fugas/reportagem/macau-polir-perola-desfacam-1896547>), dissonante de outros pontos do delta do rio das Pérolas onde se localiza, tem-se frequentemente revelado aos olhos ocidentais como um “lugar de miscigenação” das culturas cantonesa e portuguesa, ou europeia, como se preferir. Imaginário herdeiro de uma narrativa reforçada durante o século XX sob a administração portuguesa, ecoa ainda entre parangonas políticas e de promoção turística.

É esta necessidade de compreensão da génese da paisagem pré-*handover*, onde reside parte da familiaridade com a cultura ocidental, que aponta o foco precisamente para personagens como José Maneiras. Regressado do Porto em 1962, após nove anos a viver em Portugal, o jovem arquitecto estava em condições ideais para desafiar o contexto “impenetrável a inovações” em que a sociedade colonial subsistia, como se noticiava na imprensa inglesa de Hong Kong à época.

Maneiras iria assim traduzir para o território o discurso “progressista” que trazia na bagagem, resultado da sua passagem pela chamada “Escola do Porto” (<https://www.publico.pt/2018/01/29/culturaipsilon/noticia/o-que-representa-hoje-a-escola-do-porto-1800265>). O processo passava por uma visão de integração social e tecnológica através do exercício do desenho. Os primeiros projectos, principalmente os que se destacaram pelo programa habitacional, estavam carregados de propostas sociais onde

assumia as diferenças culturais e comportamentais entre chineses e portugueses, por exemplo, num propósito de coexistência. Os sistemas construtivos reflectiam as técnicas coevas difundidas internacionalmente, como o amplo recurso ao betão armado e suas expressões estéticas, que deram nome ao chamado “brutalismo”, que se acomodou com justeza aos climas tropicais. Mas se a configuração geral revelava a filiação global, o desenho dos detalhes tornava a experiência espacial num acontecimento localizado: na filtragem da luz nos patamares das escadas; no formato de uma pala que protegia da chuva; ou no encaixe da estrutura entre os volumes das varandas. O ensejo macaense aparecia assim neste cruzamento de planos onde a tecnologia e a linguagem eram ocidentais e as existências asiáticas.

Entre as obras iniciais que potencializavam esta aspiração, ganhava destaque o conjunto São Francisco (bloco e torre, 1964) que desde 2007 se encontra na sombra do novo Casino Lisboa e que agora está ameaçado de demolição. Erguido num lote triangular configura uma pequena praceta que dá amplitude ao espaço público e sentido à vivência da rua, enquanto permite “respirar” ao vetusto Clube Militar que lhe é oposto.

Outros edifícios residenciais da sua autoria podem continuar a ser encontrados nas ruas de Macau. Junto às ruínas de São Paulo sobrevive o Bloco Fon Wong (1966), cuja geometria de gaveto proporciona o enquadramento ideal para visualização do monumento histórico. Um pouco longe do centro, na área da Areia Preta, encontra-se a “Casa para Cegos” (1971) que subsiste quase sem alterações.



A Casa para Cegos, de 1971, subsiste quase sem alterações ANTÓNIO MIL HOMENS

Entretanto, o tema da torre despontava a meio da década de 1960 como um elemento alienígena que comprometeria o carácter provinciano do território, e rompia com velhos hábitos como a recusa dos promotores imobiliários em introduzir elevadores para mitigar futuros conflitos entre vizinhos. Maneiras regressaria a esta tipologia arquitectónica em plenos anos de 1980 com o edifício comercial Si Toi - Hong Kong Bank (1982), que protagonizou a primeira introdução do sistema *curtain wall*, copiado dos arranha-céus de Hong Kong. Antes disso, ainda, usara a torre em projectos magistrais como o edifício Lun Pong na Avenida da Praia Grande, nas proximidades do complexo São Francisco. De duplo programa (residencial e serviços), acolhe hoje a Fundação Rui Cunha, nas antigas instalações da construtora que a ergueu. A escola que se destinaria aos trabalhadores permanece em funcionamento expondo o potencial social dos programas de edifícios verticais, como é usual em Macau.

Maneiras foi celebrado em vida pelo seu papel de mediação entre as duas culturas que o formaram. Apesar de no início do seu regresso ter contado com arquitectos portugueses como *compagnons de route*, na modernização de Macau, atravessaria sozinho o pós-motim anti-colonial 1-2-3, de 1966, inspirado pelo clima vivido durante a Revolução Cultural, que

aumentaria por algum tempo o fosso com Portugal. As suas raízes macaenses evidenciavam esta linhagem chinesa, enquanto o uso da língua portuguesa permitia materializar um raciocínio arquitectónico estruturado a partir da matriz ocidental. Talvez resida aqui um argumento para a “miscigenação” que a cidade de Macau projecta nas mentes ocidentais ou para uma ideia de “arquitetura macaense”.

Em 2018, contudo, o arquitecto Hendrik Tieben da Universidade Chinesa de Hong Kong dava conta de que “grande parte da cultura macaense estava a desaparecer ou já desaparecera”. A nostalgia exerce uma atracção que não pode ser subestimada. O seu inverso reside, todavia, na força das marcas construídas que, mesmo demolidas, encontram sempre modos surpreendentes de emergir. A arquitectura macaense que Maneiras representa resiste, entretanto, na Macau contemporânea, imaginada e concretizada, nas infra-estruturas, nos casinos e nos aterros – e, com sorte, em alguns dos edifícios que desenhou.



Abrir portas onde se erguem muros

Siga-nos

- ✉ Newsletters
- 🔔 Alertas
- f Facebook
- ✕ X
- 📷 Instagram
- in LinkedIn
- 📺 Youtube
- 📡 RSS

Sobre

- Provedor do Leitor
- Ficha técnica
- Autores
- Contactos
- Estatuto editorial
- Livro de estilo
- Publicidade
- Ajuda

Serviços

- Aplicações
- Loja
- Meteorologia
- Imobiliário

Assinaturas

- Edição impressa
- Jogos
- Newsletters exclusivas
- Estante P

Informação legal

[Principais fluxos financeiros](#)

[Estrutura accionista](#)

[Regulamento de Comunicação de Infracções](#)

[Política para a prevenção da corrupção e infracções conexas](#)

[Plano de Prevenção de Riscos de Corrupção](#)

[Relatório de Avaliação Anual 2025 do PPR](#)

[Gerir cookies](#)

[Ajuda](#)

[Termos e condições](#)

[Política de privacidade](#)



EMAIL MARKETING POR



@ 2025 PÚBLICO Comunicação Social SA